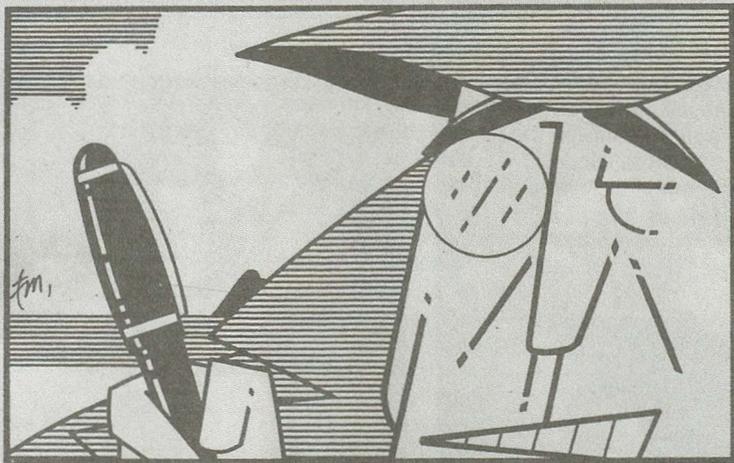


Márcio Souza



Os novos rumos da expressão portuguesa

Foi com "O Hóspede de Job", relato curto, sem derramamentos, onde a sintaxe chega a ser a primeira personagem, apoderando-se do corpo linguístico para moldar-se na ossatura da narrativa, que José Cardoso Pires apontou o caminho da moderna literatura portuguesa para fora no neo-realismo. Escrito ainda nos tempos do fascismo, "Hóspede de Job" só encontrará ressonância bem mais tarde, depois do 25 de Abril, com a edição de um intrigante romance de Dinis Machado, "O Que Diz Molero", recebido com entusiasmo pela juventude portuguesa em seu lançamento em março de 77.

Até "O Que Diz Molero", as tentativas de escapar do neo-realismo limitavam-se ao infantilismo de certos esforços de vanguardismo de inspiração francesa, como o bocejante "Angústia para o Jantar", de Luís de Stau Monteiro, corajoso dramaturgo que mereceu prisão com a peça "A Guerra Santa", verdadeira obra-prima antimilitarista, mas que, ao tentar neste romance esquivar-se do neo-realismo, desabava em irretorquível frivolidade cosmopolita.

De qualquer modo, a produção literária em Portugal tem lutado muito para escapar do vezo taciturno, ranzinza, que a tem congelado diante do bloqueio de gramá-

tiquices tão ao gosto suspeito do século 19. É interessante - para não dizer irritante - como a gramatiquice tem sido o refúgio predileto dos mediocres e frustrados resenhadores em língua portuguesa. O fazer literário parece que ainda não se livrou dos colarinhos duros - quer seja deste lado do Atlântico ou do outro - seguindo empurrado pela inércia da gramatiquice rota e esgarçada pelo tempo.

É porque o anacronismo da gramatiquice é mais frasco de formol que uma máquina do tempo ligada ao reverso, por mais que insistam em pescar gralhas e cochilos, não impedirão nunca a invenção literária de continuar sendo gloriosamente chula e pouco escorreita. Aliás, nada mais escorreito que os decretos fascistas de Salazar, o que nos faz preferir a presumível linguagem chula da Maria da Fonte, para ficar do lado lusitano.

A produção literária portuguesa ainda convive com o ar rarefeito da

nobreza burocrática, aquela mesma que optou pelo marasmo centralizador, dissociando-se do conjunto da sociedade, velando os antagonismos pela omissão, no equivoco perpétuo compreendido como afabilidade. Como esse rancor reacionário ainda não se fantasiou de new wave por lá, continua vegetando à sombra do passado, incapacitado de fugir das velharias retóricas que hoje não passam de fantasmas imprestáveis.

Contra isto vão os escritores descobrindo que, na qualidade de membros de uma comunidade elitista, com poderes de barganha às prebendas do poder quando persistem em nutrir as imposturas, somente poderão emergir aos novos tempos na medida em que sacudirem o indevido arbítrio dos mediocres. Para os escritores africanos - que aqui no Brasil são olhados como intrusos exóticos - mas que não se limitam a baixar a cabeça aos ditames de imposições mesquinhas, tamanha solenidade não passa de chatices.

Ao contrário de se distinguirem como puristas da língua, esses frustrados gramatiquiceiros não são mais que assustados a temer o jorro de luz que perpassa a nossa experiência linguística. E se Camilo Castelo Branco, que nem de longe poderia suspeitar que um dia serviria de papão estilístico, vivo fosse, já na frente da liça haveria de inscrever-se para combater tais espantelhos.

O que se passa em Portugal, e bem se reflete em todos os domínios da expressão portuguesa, é o natural momento de verdade pelo qual atravessam as nações colonizadoras ao perderem o Império. Tal qual o nosso Brasil ao abandonar o sonho de grande potência. Séculos de fascínio esgotaram-se de forma dolorosa, após prolongada e doentia cegueira fascista.

E, dos quinhentos anos de expansão, saiu a pequenina nação portuguesa como o único país colonialista a continuar pobre e atrasado. Portugal, hoje, depois de tantos mimos, está irremediavelmente condenado a contemplar a sua própria mediocridade. A desorientação brasileira, assim, não é senão a contemplação de nossa própria mediocridade. A caturrice procura esquecer a sua face exposta no espelho da severidade.